

Ministro leva sete horas para convencer deputados que mexer no câmbio é desnecessário

Malan descarta desvalorização do real

Lembra que países como o México fizeram esta opção e não evitaram recessão

SÓCRATES ARANTES

O MINISTRO da Fazenda, Pedro Malan, gastou sete horas ontem para tentar convencer os deputados de que o Brasil não optou por uma maxidesvalorização do real porque os países que fizeram esta opção se deram mal e tiveram depois de apelar para medidas de natureza fiscal para debelar a crise. "A desvalorização da moeda não descarta uma recessão e o México já passou por isso", disse Malan. Na crise do final de 1994 e início de 1995, o México decretou uma desvalorização cambial de 7%, mas teve também uma queda do PIB também de 7%, afundando numa recessão violenta.

"A unanimidade no Governo é não fazer maxidesvalorização do real agora e nem num futuro próximo", assegurou o ministro. O depoimento de Malan ocorreu durante sessão conjunta das Comissões de Economia, Indústria e Comércio; Finanças e Tributação; Fiscalização Financeira e Controle; Relações Exteriores; e Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias, todas da Câmara. Mais de 150 deputados compareceram à palestra, que começou às 10h30 e só terminou às 17h20.

O ministro não descartou a possibilidade de o Brasil ter que apelar ao FMI, mas afirmou que o Brasil não precisa no momento, pois tem R\$ 53 bilhões de reservas cambiais. Confrontado com a opinião do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, que disse ontem que ir ao FMI é abdicar da soberania, Malan disse que "essa era mais uma batalha de Itararé - a que nunca aconteceu - travada pelos mancheteiros de jornal". E citou Shakespeare: "Muito barulho por nada". Mas ressalvou: "Pediremos ajuda ao FMI se e quando precisarmos. Mas não é o caso".

Sem se deter especificamente em nenhuma das medidas do pacote de ajuste fiscal, Malan fez uma explanação geral sobre o mercado financeiro in-

Geraldo Magela



Malan: a unanimidade no Governo é não fazer maxidesvalorização

ternacional e disse que as turbulências foram causadas por uma crise de financiamento externo que afetou as economias emergentes e terá reflexos em todo mundo.

Resposta - "Não quero usar a expressão 'ataque especulativo', porque o jogo é bem mais complexo, mas a resposta do Brasil tem que ser estrutural e de mais longo prazo", explicou o ministro, enfatizando a importância da aprovação das medidas provisórias do ajuste fiscal e principalmente das reformas administrativa, previdenciária e fiscal (tributária), como "resposta definitiva e duradoura".

Malan indicou que as turbulências

foram mais sentidas no Brasil por ter hoje uma "fragilidade em relação ao México e à Argentina", cujos déficits do orçamento fiscal são de apenas 1,2% do PIB. O déficit fiscal brasileiro é atualmente de 4,7% do PIB. "Esta crise não é tão passageira quanto se pensava a princípio e não está restrita aos tigres asiáticos", advertiu. Mas disse que Governo nenhum pode prever o futuro e lamentou que só "com a crise se mobilizam as energias, corações e mentes". Malan admitiu que setores do próprio Governo reagiriam às medidas do pacote se não fossem no contexto da emergência.